

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

MARIA LUCIA MACARI

[As dores] crônicas ideológicas: o contemporâneo da ideologia

Porto Alegre

2024

MARIA LUCIA MACARI

[As dores] crônicas ideológicas: o contemporâneo da ideologia

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Área de concentração: Redes sócio-técnicas, cognição e comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Macari, Maria Lucia
[As dores] crônicas ideológicas: o contemporâneo da
ideologia / Maria Lucia Macari. -- 2024.
320 f.
Orientadora: Luis Artur Costa.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Serviço
Social, Saúde e Comunicação Humana, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Ideologia. 2. Alienação. 3. Emancipação. 4.
Política. 5. Crônicas. I. Costa, Luis Artur, orient.
II. Título.

Em 1980 um estudante¹ da *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad Nacional Autónoma de México* digitou, em sua máquina de escrever, a seguinte epígrafe em sua *tesis* para obter o grau de licenciado em filosofia:

Como no dijera Marx en el Manifiesto del Partido Comunista:

“Un fantasma recorre la historia de la filosofía: el fantasma del inexistente “althusserianismo”. Todas las fuerzas de la vieja y nueva filosofía se han unido en santa cruzada para acosar a ese fantasma: neopositivista y metafísicos, marxiólogos y existencialeros, de lo latinoamericano y neo-filósofos.

De este hecho resulta una doble enseñanza:

Que el inexistente “althusserianismo” está ya reconocido como una fuerza por todas las potencias de la filosofía.

Que ya es hora de que los inexistentes “althusserianos” (excepción hecha del propio Althusser) expongan a la faz del mundo entero sus conceptos, sus fines y sus aspiraciones; que opongán a la leyenda del fantasma del inexistente “althusserianismo” un manifiesto de su propio quehacer filosófico: una nueva práctica de la filosofía: LA FILOSOFIA COMO ARMA DE LA REVOLUCIÓN.”

Mais de quarenta anos depois, como uma forma de demonstrar admiração pelos rebeldes que não deixam a teoria criar limo nas águas paradas dos consensos inertes – principalmente de um país que me acolheu com tanto carinho durante a minha mobilidade de doutorado – resgato as suas palavras.

¹ O estudante em questão é Rafael Sebastian Guillen Vicente, e o título de seu trabalho foi “*FILOSOFÍA Y EDUCACIÓN. (prácticas discursivas - prácticas ideológicas) (Sujeto y cambio históricos en los libros de textos oficiales para la lectura primaria en México)*”.

Resumo

A afirmação do “fim da ideologia” não é uma novidade nem mesmo uma exclusividade de nosso tempo. No entanto, em seus ecos inquietantes, ela ressoa de diversas maneiras distintas no contemporâneo, operando o juízo de que *os alienados são os outros*. Nessa atualização constante, a ideologia pulsa em um duplo sentido: como significante e como força material. Por ser uma dimensão que parece se afirmar e sustentar através de sua negação, requer algumas abstrações reflexivas. Para isso, esta tese propõe a escrita das [dores] crônicas [ideológicas] de nosso tempo, as quais buscam reconhecer e refletir não apenas sobre *nós na ideologia*, mas sim sobre *a ideologia em nós*. Essa inversão na ordem das palavras denuncia o inapreensível de toda organização social e subjetiva. Por isso não nos preocupamos com uma definição exata da palavra, mas justamente o contrário: ao cartografar suas diferentes variações e desdobramentos, deslizamos parcialmente pelas distintas (in)definições do próprio conceito. Com isso, percebemos a complexa trama que só existe nessa composição impossível, a qual permite tensionar sua própria existência no jogo que deixa cair por terra as pretensões de coerência teórico-conceituais. Reconhecer a nossa própria alienação – as intersecções de diferenças em suas incompletudes – é atuar em consequência política, é pensar movimentos de separação em relação ao hegemônico sem cair em uma metafísica que prega uma suposta exterioridade emancipatória. Se há um contemporâneo da ideologia, este se encontra nos paradoxos de sua própria condição significante não-toda. A ideologia, portanto, como parte constitutiva de nossa realidade fraturada e de nossa alienação nos meandros do mundo. Cabe lembrar que esta tese teve início junto com a pandemia causada pelo coronavírus e foi atravessada por inúmeros percalços dos movimentos políticos da época em questão. Pensando no anacronismo do tempo e numa ética do narrar e da memória, transitamos pelas tragédias e crônicas rodriguianas como um modo de resgate do atual que pulsa. Neste caso, a escrita das [dores] crônicas [ideológicas] são como um destilador do contemporâneo inapreensível que, na materialidade das palavras, coloca para jogo a nossa condição trágica: nós, os alienados, castos-obscenos da tragédia cotidiana.

Palavras-chave: Ideologia; Alienação; Separação; Política; Crônicas.

Resumen

La afirmación del “fin de la ideología” no es una novedad y tampoco una exclusividad de nuestro tiempo. Sin embargo, en sus inquietantes ecos, resuena de varias maneras distintas en el contemporáneo, operando el juicio de que *los alienados son los otros*. En esta constante actualización, la ideología pulsa en un doble sentido: como significante y como fuerza material. Debido a que es una dimensión que parece afirmarse y sostenerse a través de su negación, requiere algunas abstracciones reflexivas. Para ello, esta tesis propone la escritura de las [dolores] crónicas [ideológicas] de nuestro tiempo, que buscan reconocer y reflexionar no sólo sobre *nosotros en la ideología*, sino sobre *la ideología en nosotros*. Esta inversión del orden de las palabras revela lo incomprensible de toda organización social y subjetiva. Por eso no nos preocupamos de una definición exacta de la palabra, sino precisamente de lo contrario: al mapear sus diferentes variaciones y desarrollos, deslizamos parcialmente por las diferentes (in)definiciones del concepto mismo. Con esto percibimos la trama compleja que sólo existe en esta imposible composición, lo que permite tensionar su propia existencia en el juego que deja caer por tierra las pretensiones de coherencia teórico-conceptuales. Reconocer nuestra propia alienación –las intersecciones de las diferencias en su carácter incompleto– es actuar en consecuencia política, es pensar en movimientos de separación en relación con lo hegemónico sin caer en una metafísica que predica una supuesta exterioridad emancipadora. Si hay un contemporáneo de la ideología, éste se encuentra en las paradojas de su propia condición significante no-toda. La ideología, por tanto, como parte constitutiva de nuestra realidad fracturada y de nuestra alienación en los meandros del mundo. Vale recordar que esta tesis comenzó con la pandemia provocada por el coronavirus y estuvo atravesada por las numerosas molestias en los movimientos políticos de la época en cuestión. Pensando en el anacronismo del tiempo y una ética de la narración y la memoria, recorreremos las tragedias y crónicas rodriguianas como una forma de rescatar lo actual que pulsa. En este caso, la escritura de [dolores] crónicas [ideológicas] es como un destilador de lo contemporáneo inaprensible que, en la materialidad de las palabras, pone en juego nuestra condición trágica: nosotros, los alienados, castos-obscenos de la tragedia cotidiana.

Palabras clave: Ideología; Alienación; Separación; Política; Crónicas.

Abstract

The statement of ‘the end of ideology’ is not new or even something restricted to our time. However, in its disturbing echoes, it resonates in several different ways throughout the contemporary world, producing the judgment that *the alienated are other people*. In this constant actualization, ideology pulses in a double sense: as a signifier and as a material force. As it is a dimension that seems to assert and sustain itself through its denial, it requires some reflective abstractions. To this end, this dissertation proposes a writing of the [ideological] chronic [pains] of our time, which seek to recognize and reflect not only upon *us within ideology*, but also on the *ideology within us*. This inversion of the word order reveals that which is inapprehensible in all social and subjective order. That is why we are not concerned with an exact definition of the word, but precisely with the opposite: when mapping its different variations and developments, we partially slip through the different (in)definitions of the concept itself. With this, we perceive the complex network that only exists in this impossible composition, which allows it to tension its own existence in the game that allows any pretensions of theoretical-conceptual coherence to be dismantled. To acknowledge our own alienation – the intersections of differences in their incompleteness – is to act in political consequence, is to think about movements of separation in relation to hegemony without falling back into a metaphysics that preaches a supposed emancipatory exteriority. If there is a contemporaneity of ideology, it is found in the paradoxes of its own condition as a not-all significant. Ideology, therefore, is a constitutive part of our fractured reality and of our alienation within the intricacies of the world. It is worth remembering that this dissertation began with the pandemic caused by the coronavirus and was intersected by numerous setbacks in the political movements of this period. While thinking about the anachronism of time and about a possible ethics of narration and memory, we strolled through the tragedies and chronicles of Nelson Rodrigues as a way of rescuing that which is currently pulsating. In this case, the writing of the [ideological] chronic [pains] is something like a distiller of the inapprehensible contemporary that, in the materiality of words, puts our tragic condition into play: we, the alienated, the chaste-obscene of the tragedy of everyday.

Keywords: Ideology; Alienation; Separation; Policy; Chronic.

SUMÁRIO

I. OS LABIRINTOS DA IDEOLOGIA: INTRODUÇÃO.....	11
CRÔNICAS, PARTE I e II	18
Crônica intempestiva em tempo lógico	19
Dystopia, Brazil.....	39
II. O CONTEMPORÂNEO À ESPREITA	50
O intempestivo é o corte.....	51
A esperança, as falésias e o vazio: das materialidades do mundo ao horizonte em movimento	59
Lembrar dos vaga-lumes no céu do capitalismo-colonial	61
CRÔNICAS, PARTE III	67
Frontera-Border	68
[As dores] crônicas ideológicas.....	83
III. NARRATIVAS CRÔNICAS: POR UMA ÉTICA DA TRANSMISSÃO	93
O crônico e o atual.....	94
As pistas ficcionais como anacronismo heterotópico.....	101
Estética: um campo de batalhas.....	107
CRÔNICAS, PARTE IV	117
O casto-obsceno.....	118
Imagens-textos-incoerentes: das notícias de tempos insensatos.....	137
IV. IDEOLOGIA: A ATUALIDADE DE UM CAMPO CONTROVERSO	157
Os alienados são os outros.....	158
Ideologia: uma força histórica	166
Da estrutura ao materialismo do encontro	169
Uma materialidade incorpórea.....	176
Ideologia e sutura: eles não percebem que alguém morria?.....	183
Eles sabem o que fazem, e daí?	187
CRÔNICAS, PARTE V	193
Sobre os paradoxos.....	194
Freud e a peste	198
V. A ALIENAÇÃO E A REALIDADE FRATURADA	201
Nós, os alienados	202
A alienação nas areias da carne	208
O Eu como sintoma	213
Um inconsciente capitalista-colonial?.....	218
CRÔNICAS, PARTE VI.....	224
A rainha morreu, vista-se de luto!	225
Sem mostrar, para serem vistos	253
VI. ECOS-MUNDOS EM EFERVESCÊNCIA: da psicologização ao movimento	265
O <i>homo psychologicus</i>	266
Psicologização e alienação	272
Da metalinguagem à extimidade	275
A Relação e o movimento	278
CRÔNICAS, PARTE VII.....	285
Tudo que é sólido desmancha no (m)ar.....	286
Frontera-Border, II.....	295
VII. AS MARGENS, ÀS MARGENS: À GUIA DE CONCLUSÕES	302
Referências	310

PREÂMBULO: DOS DESCAMINHOS DO DOUTORADO

Uma tese não se faz só de escritos. Este doutorado teve início em março de 2020: mês em que foi decretada a pandemia causada pelo COVID-19. Todas as aulas, orientações e reuniões dos grupos de pesquisa passaram a ser exclusivamente online. Em meio ao excesso de telas e paredes, tivemos que lidar com o horror que era saber que alguém próximo havia positivado para a doença. Cada dia parecia um ano. Tivemos que lidar com as milhares de mortes diárias que, em muitos momentos, atingiram pessoas próximas e queridas. Lutos infernais, pois não tínhamos como fazer um ritual de despedida dada a periculosidade da situação. Não tínhamos como ver familiares ou amigos que pudessem dar um suporte ao inominável do horror com o calor de um abraço. Na TV e nas redes sociais, o então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, desdenhava da situação. Ele chegou a imitar, em rede nacional, uma pessoa sufocando no leito de morte e, quando lhe perguntaram a respeito das infinitas mortes causadas principalmente pelo descaso de seu governo, ele respondeu: *“E daí, quer que eu faça o quê? Não sou covão”*. O mesmo fez de tudo para que a vacina não chegasse até nós, fazendo campanhas para que a população não usasse máscaras de proteção e fizesse “tratamento precoce” com remédio para vermes. Em meio a esse carnaval de horrores, tivemos que lidar com familiares e outras pessoas próximas que afundaram no lodo do obscurantismo.

Devido aos inúmeros cortes no campo da saúde e da educação, as bolsas de pesquisa também foram cortadas. Tivemos que ficar pelo menos três meses em uma espera que parecia infundável até se resolver essa situação. Sem dinheiro para o aluguel e para o mínimo da vida, nos era exigido “uma questão de pesquisa”. A academia em sua produtividade incongruente muitas vezes esquece que somos sujeitos e vivemos em um tempo histórico. Devido a uma série de inúmeros fatores precisei trocar de orientação para continuar desejando e me enlaçando com a pesquisa e com a vida. O acolhimento e aposta do professor Amadeu de Oliveira Weinmann, em um primeiro momento, e do professor Luis Artur Costa, mesmo sem me conhecer pessoalmente, foi imprescindível para que este trabalho pudesse acontecer.

O desejo pela pesquisa é algo que carrego (ou que me carrega?) há muitos anos. Começou na graduação, no meu envolvimento com projetos de pesquisa e extensão. No mestrado em psicanálise, sob orientação do professor Amadeu, pude transitar por uma série de inquietações ético-estético-políticas a partir da obra de Andrei Tarkovski. Foi, sem dúvidas, um divisor de águas em minha carreira e vida como um todo. No doutorado em psicologia social, sob orientação do professor Luis Artur, pude desenvolver um pouco mais essas

questões que me atravessavam e convidavam a continuar pesquisando. De alguma maneira, apesar de todo esse contexto social em ebulição – atravessado pelo fascismo crescente – pude ir encontrando um estilo como pesquisadora que, sem dúvidas, fará muita diferença nos espaços em que irei me inserir futuramente como doutora.

No último ano de doutorado, tive a oportunidade de fazer doutorado sanduíche na Universidade Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, em Morélia, no México, sob orientação do professor David Pavon-Cuéllar. Apesar de possuir todos os quesitos, não consegui a bolsa de mobilidade. Mas, como a COMPOS aprovou que eu continuasse com a minha bolsa CAPES normal, decidi ir por conta. Foi um período extremamente importante na minha formação e na minha vida pessoal. Pela primeira vez senti que pertencia a uma turma de doutorado, justamente por ter aulas presenciais e participar de outros espaços de socialização com xs colegas. Além disso, organizei, junto ao professor David e mais três orientandxs seus, o *Primero Encuentro Internacional de Marxismo y Psicoanálisis: Interseccionalidad*, que aconteceu dia 26 de maio de 2023. Após o evento lançamos uma revista internacional chamada *Materialismos. Cuadernos de Marxismo y Psicoanálisis*, da qual sou diretora atualmente. Essa revista aceita escritos em diversos formatos (e não apenas acadêmicos) desde que tenham um viés crítico. Estamos em processo de indexação.

Durante o doutorado, ainda, assim que a pandemia começou a ficar um pouco menos perigosa, dado o número de pessoas vacinadas e a queda no índice de mortes, tive a oportunidade de viajar e conhecer um pouco mais da América Latina. Movimento que considero importantíssimo na vida de uma pesquisadora que busca um fazer *psi* implicado politicamente com as diferentes realidades de nosso continente. A América Latina se mostra com outras cores que não aquelas das páginas dos livros e das telas dos computadores. A vida acontece, de fato, fora das telas. O calor humano e os percalços dos caminhos são imprescindíveis para nos sentirmos vivxs e para uma experiência de fato radical.

Quase sem fôlego e começando a elaborar os incontáveis lutos destes anos, continuo apostando na pesquisa, na educação e na arte como ponto de partida para uma *práxis* política implicada e revolucionária. Depois do doutorado, continuarei. E isso por si só já mostra que podemos nos reinventar nos percursos e seus descaminhos. Entre clínica, pesquisa, sonhos, livros e devaneios, continuarei nas estradas que abrem portas para outros lugares em desvio. Assim como o lema zapatista: *por un mundo donde quepan muchos mundos*. Que a rebeldia continue sendo o meu impulso andejo e desviante.

I. OS LABIRINTOS DA IDEOLOGIA: INTRODUÇÃO

Geni, meu irmão é um casto. E o casto é um obsceno.
Nelson Rodrigues, Toda nudez será castigada

O ano é 2019. Ligamos a TV e escutamos a seguinte frase: “a ideologia acabou”. Essa afirmação não é uma novidade. Essa frase já foi enunciada em diversos tempos e contextos históricos distintos. O fim da ideologia já foi afirmado tantas vezes que chega a convencer os nossos ouvidos desatentos. Essas manifestações tomam como base a afirmação de que existiria uma “falsa consciência ideológica” a qual ludibriaria o outro (alienado) – “sujeito ideológico” – reivindicando para si uma espécie de imunidade em relação às obscenidades do mundo. Se *os alienados são os outros* – eles, os sujeitos ideológicos – é porque transcendemos esse lugar obscuro e chegamos a uma totalidade isenta das artimanhas sociais. Castos por natureza, ou porque já experimentamos da obscenidade e nos livramos dela. O conflito e as complexidades do mundo são denegadas em simples fórmulas que resolvem as quimeras da existência. Como se a realidade não fosse composta por uma sucessão de colisões, intempéries e complexidades desdobradas em verbos e labirintos antagônicos.

Dada a permanência da palavra ideologia nas inúmeras telas que nos rodeiam, capas de jornais e, sobretudo, nas pontas das línguas que enunciam essas letras que batem em nossos ouvidos, a resgatamos em sua errância. Justamente por ser uma designação que sempre cai em uma espécie de senso comum, ela nos interessa. Nesta tese, a ideologia se enuncia em um duplo sentido: como um significante que pode manifestar inúmeros significados nos desdobramentos de seus usos cotidianos; e como força material que constrói e destrói o mundo das coisas. Nesse sentido, a ideologia está nos ecos que aportam significados múltiplos e também nos muros, nas cidades, nas bandeiras, nos produtos que compramos no mercado, nos corpos que se enunciam, e assim por diante. Reconhecer a sua permanência em um mundo que, de tempos em tempos, reafirma a sua ausência, é lançar uma mirada à opacidade do inconsciente, isto é, aos processos de alienação que nos constituem como sujeitos. Em outras palavras, é reconhecer o incontornável de nossa própria condição que, paradoxalmente, permite o devir.

Ao nos implicarmos com a ideologia, portanto, estamos atuando em consequência política. De alguma maneira, trata-se de uma continuidade do legado da tradição da “esquerda freudiana”, também conhecida como freudomarxista², com

Vera Schmidt y Aleksandr Luria en la Unión Soviética; Alfred Adler, Otto Gross, Paul Federn, Wilhelm Reich, Siegfried Bernfeld, Otto Fenichel, Erich Fromm, Herbert Marcuse e Igor Caruso en el ámbito austro-alemán; René Crevel y André Breton en Francia; Attila József en Hungría; Paul Parin y Fritz Morgenthaler en Suiza; José Bleger, León Rozitchner y Armando Bauleo en Argentina; Estanislao Zuleta en Colombia; Norman O. Brown, Joel Kovel y Eugene Victor Wolfenstein en los Estados Unidos; Armando Suárez y Raúl Páramo Ortega en México; Marie Langer y Néstor Braunstein entre Argentina y México. Habría que agregar a feministas como Shulamith Firestone y Juliet Mitchell, así como a las figuras estelares de la nueva izquierda lacaniana, como Ernesto Laclau, Alain Badiou y Slavoj Žižek (Pavón-Cuéllar, 2022b, p. 63).

A psicanálise, aqui, não entra como um recurso para analisar e psicologizar a sociedade e os sujeitos com dados, diagnósticos, números, etc., mas como uma ética da escuta e da transmissão que, ao se articular com a psicologia social, com as artes e com as ficções, permite uma atuação implicada politicamente. Neste caso, Lacan é como um intempestivo: sua transmissão permite uma escuta aberta aos murmúrios que uma época desconhece. Uma escuta ativa em livre associação que nos permite flutuar nas sutilezas errantes do mundo. Seu legado político é justamente abrir brechas onde a sociedade insiste em fechar. Com Lacan não desenhamos um projeto político ideal, mas nos despimos da ideia de que existiria tal façanha, o que nos permite movimentos de alienação e separação rumo às margens.

Em um mundo onde as desigualdades sociais tomam um status de naturalizadas perpetuando-se de maneira cada vez mais abrupta, não nos resta outra saída a não ser navegar pelos mares de nossa própria alienação. Isso significa reconhecer os nossos lugares nessas tramas, bem como, encarar o titubear das águas que nos embalam como consequência, também, de nossos próprios movimentos. Pensar em processos de emancipação apenas pelas vias da consciência e da razão é cair na velha armadilha idealista que desconsidera toda a estrutura social em sua dialética e inconsistência. Por isso o estudo da ideologia em suas diferentes manifestações – usos, desusos, designações e afins – é uma maneira de fomentar uma atitude diante do mundo em seus percalços. É um modo de afetação que movimenta os nossos próprios dispositivos de saber buscando uma *práxis* efetiva.

² O freudomarxismo concinde com a implementação da psicanálise na Rússia no início do século XX, tendo o seu auge em 1924, ano da morte de Lenin e que, paradoxalmente, demarca o início de seu desmantelamento. Para saber mais sobre isso ver: Macari & Weinmann, 2021.

Um dos tantos legados do ensino de Lacan é que a verdade só existe nas malhas das ficções: a verdade possui uma estrutura de ficção (Lacan, 1995), ela é não-toda. Desse modo, podemos entender a nossa realidade de uma maneira muito mais ampla e complexa. Não como um amontoado de verdades fechadas a serem elucidadas e designadas de maneira estritamente objetiva, mas como uma série de melindrosas verdades que duvidam de suas próprias certezas, colocando a sua veracidade nas curvas da dúvida e no balanço da crítica.

Para construir esse percurso partimos da seguinte questão: há um contemporâneo da ideologia? Diferentemente de uma ideologia contemporânea, que carregaria as marcas históricas que identificamos e podemos verbalizar de diferentes maneiras objetivas, um contemporâneo da ideologia seria algo de difícil apreensão. Isso porque não se trata de *nós na ideologia*, mas da *ideologia em nós*. Este é o problema das ciências sociais e humanas: a ordem dos fatores altera o produto. Não temos como analisar a ideologia como se fosse algo externo a nós, como se pudéssemos tomar uma distância reflexiva que nos permitisse contemplá-la de longe, quase de um lugar neutro e isento de conflito, e depois traçar caminhos que nos colocassem em movimentos rumo a uma suposta liberdade. Sem saber – ou cnicamente sabendo – continuaríamos navegando em suas ondas inabaláveis. No entanto, se assumimos que nós também somos as ondas, e não apenas os barcos de navegam nelas, podemos pensar desde um lugar *moebiano* que não desconsidera o paradoxal inerente a todo contexto social e subjetivo.

O que seria, então, esse contemporâneo? O primeiro ensaio, *O contemporâneo à espreita*, é uma tentativa de resposta a essa pergunta. Não se trata de uma verdade sobre o contemporâneo, mas de um caminho de leitura que permite nos deslocar diante dessa palavra tão usada de diferentes maneiras em nossa língua. Nesta tese o contemporâneo não é sinônimo de presente: ele é o intempestivo. Presente, passado e futuro em seus elos anacrônicos que não se dissolvem em designações certeiras. O passado é sempre presente. E o futuro só existe porque carrega as marcas do passado-presente em constante reinvenção. Neste caso, o passado não é uma realidade congelada, mas uma dimensão em constante (re)construção, assim como o futuro.

Como poderemos transitar por esse contemporâneo inapreensível? Para construir esta tese, assumimos em nosso próprio corpo – de palavras, movimentos das mãos, formas – algumas derivas errantes. Não adianta apenas falarmos sobre emancipação, devemos assumir e ousar em nossa própria forma os estratagemas rebeldes que afetam os outros (e nós mesmos). No segundo ensaio, *Narrativas crônicas: por uma ética da transmissão*, que foi escrito antes, depois e durante da tese, falamos um pouco sobre essa transmissão através de

um texto dispositivo. A escrita de crônicas surgiu como uma condição de possibilidade da escrita da própria tese. Em meio ao horror da pandemia, quando os dedos que escrevem travaram e a criatividade ficou tomada pela obscuridade dos lutos infinitos, falar sobre dores crônicas – tão comuns na clínica nesse período – foi uma maneira de chegar a isso que pulsa em nosso (corpo) social demandando um trabalho psíquico. Resolvi não gozar apenas na dor, mas transformar as [dores] crônicas em significantes que buscam novas articulações. Assim nasceram as [dores] crônicas [ideológicas]: narrativas criativas sobre o banal cotidiano. O que vemos, o que nos olha e o que deixamos de ver. Através de atos de palavras que tentam dar um contorno ao dia a dia de pessoas comuns, construímos textos e imagens-textos que, através da rebeldia das ficções, nos aproximam da ideologia pelas vias da experiência.

Para não cairmos em uma metafísica dessas noções com as quais trabalhamos – como ideologia, alienação, inconsciente, subjetividade, etc. – torna-se imprescindível algumas abstrações que se produzam nas dobras das materialidades do mundo. As crônicas não estão preocupadas com a exatidão dos fatos, mas justamente o contrário: com o inexato que carrega verdades sobre esse mundo em que vivemos, sobre esse mundo que somos nós. Desse modo, nos debruçamos sobre determinados elementos de nossas experiências mundanas que são considerados improváveis, aleatórios, incertos, para fazerem parte de uma pesquisa acadêmica. Me refiro a uma nuvem virtual de sutilezas que é parte fundamental de nossas realidades, como sensações, afetos, tensões incoerentes, etc. (Costa, 2014). Pela complexidade que é pesquisar em Psicologia Social – dados os seus inúmeros contextos, circunstâncias, temas, populações, realidades, etc. – não podemos simplesmente descartar essas dimensões e abraçar modos de fazer estritamente eurocentrados, como costuma ser a tradição nas academias latino-americanas. Os modos de fazer pesquisa costumam ser restritos a modelos importados do exterior, um legado colonial que aporta resquícios de uma ciência branca, racista, machista, capacitista, patriarcal e burguesa.

As ficções, aqui, constituem a possibilidade de escritas-outras, contranarrativas, saber-fazer com a materialidade das palavras.

O uso da ficção como estratégia agenciada à problematização de um campo de pesquisa nos permite a complexificação do “objeto”, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do “dado” adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades. Deslocar a busca de representar aos objetos formalizando-os com palavras que se querem vazias de sentido próprio: apenas apresentariam o objeto pela língua neutra e objetiva. Desvencilhar-se dos preceitos da escrita que buscam a neutralidade-objetividade tomar a poética como estratégia, é assumir a materialidade da palavra, a concretude ativa da experiência da escrita e permitir que as sutis virtualidades das preensões contagiem a escrita, sem as

pretensões cartesianas de negar às aparências em prol de essências pressupostas (Costa, 2014, p. 558).

Portanto, as crônicas intercalam-se com ensaios onde, de uma maneira um pouco mais consistente e sempre visando um debate, trazemos os conceitos para o papel. Não há uma hierarquia de textos, mas o entendimento de que lançamos mão de diferentes modos de uso da escrita, principal meio de difusão de conhecimento nesses espaços por onde transitamos.

Mas e a ideologia? No seguinte ensaio, *Ideologia: a atualidade de um campo controverso*, trazemos essa palavra de modo a cartografar suas diferentes variações. Para isso deslizamos parcialmente – e de modo fragmentário – pelas distintas (in)definições do conceito sem a pretensão de definições exatas, mas evidenciando a complexa trama de mútuas conexões que existem entre elas. Afirmamos, assim, uma composição impossível de conceitos que, em suas incoerências e tensionamentos entre si, sustentam uma trama narrativa na qual a ideologia opera em linha de variação. Desse modo, mesmo sabendo que a miríade de conceitos de ideologia estabelecem fronteiras e cisões entre si, o presente trabalho não busca delimitar tais distinções, mas, pelo contrário, evidenciar as molecularidades que se tramam e ressoam entre si cerzindo um plano de atravessamentos para muito além das pretensões de coerências teórico-conceituais.

Partimos da problemática que gerou esta tese: a afirmação constante de que *os alienados são os outros*. Complexificamos esse enunciado nos desdobramentos de algumas suposições sobre o fim da ideologia. No capitalismo não temos apenas a produção de objetos para os sujeitos, mas também de sujeitos para os objetos. Neste caso, nos situamos no intrincado labirinto da ideologia, onde titubeamos entre caminhos que nos aproximam e distanciam de saídas inexatas. Nesse percurso, entendemos que a ideologia não é uma abstração metafísica idealista, mas uma força material. Ela não surge do campo das ideias puras, mas das condições de vida expressas de diferentes maneiras. Se “*a ideologia é eterna como o inconsciente*” (Althusser, 1996, p. 75, grifos do autor), isso significa que ela é a condição de possibilidade de determinados tempos históricos. Neste caso, ela não é apenas uma ilusão que ocultaria a realidade, mas o próprio lugar onde uma situação imaginária das condições reais da existência se distorcem (Alemán, 2018). Isso quer dizer que as condições reais estão na própria distorção, em uma verdade que é não-toda, sendo constantemente resignificada.

Transitar pelas questões inerentes à ideologia sob diferentes perspectivas nos leva a nos depararmos com os nossos lugares nessas tramas. A ideologia não é algo externo a nós,

uma realidade do outro, mas de nós mesmos: nós, castos-obscenos da ideologia. Por mais insensata, incoerente e problemática que ela possa ser, de algum modo nós gostamos de nossa ideologia. Para fomentar essa discussão, o ensaio *A alienação e a realidade fratura* discute a noção de alienação a partir dos atravessamentos entre Marx e Lacan. A alienação, neste caso, não se restringe a pura alienação do trabalho, mas a nossa própria condição de sujeitos, marcados na carne pelos inúmeros desígnios pulsantes de nosso lugar de nascimento. Falar sobre alienação é reconhecer o incontornável de nossa condição, as marcas que instauram um sujeito que se enuncia de diferentes lugares fraturados. Nesse sentido, a própria sociedade não é um conjunto fechado e finalizado, mas uma estrutura precária do ponto de vista simbólico, comportando ranhuras que permitem o devir.

Nesse momento, discutimos acerca da noção do Eu como sintoma e se seria possível dizer que há um inconsciente capitalista-colonial. Neste caso, assumimos que não há capitalismo sem colonização. Reconhecemos que o mundo dito “pós-colonial” na verdade carrega as marcas vivas da própria colonialidade, logo, o “pós” não demarca a finalização de um tempo, mas a sua continuidade e atualização nos meandros da história. A colonialidade se reinventa e perpassa os nossos processos de alienação, demandando um reposicionamento frente a ela, onde não a combatemos desde a suposição de uma exterioridade decolonial, mas desde um lugar que reconhece o nosso pertencimento a uma estrutura que carrega essas marcas. Somos sujeitos ideológicos e, se queremos mudanças concretas, precisamos olhar para nós mesmos nos emaranhados do mundo.

Para desdobrarmos um pouco mais a questão da ideologia e da alienação, tendo como horizonte movimentos de emancipação, construímos o último ensaio *Ecos-mundos em efervescência: da psicologização ao movimento*, onde partimos da cisão “corpo e alma” fruto da evangelização europeia para debater a questão da colonização. Neste momento trazemos para o debate a noção de *homo psychologicus* como resultado do sujeito do *cogito* “penso logo existo”. Entendemos que o dualismo europeu imposto nos atos de colonização foram a condição de possibilidade – quiçá a mais evidente – das barbáries coloniais. Ao se separar a alma do corpo impondo uma religião monoteísta, os europeus deram início a um grande genocídio que dura até os dias de hoje. Os sujeitos de corpos pecaminosos precisam salvar as suas almas da devassidão da carne.

Nesse sentido, a psicologização dos sujeitos possibilita muitas artimanhas de alienação. Esta, por sua vez, imbuída dos desígnios ocidentais-coloniais – onde os *sujeitos ideológicos são os outros* – entra em contraposição aos perspectivismos ameríndios, na medida em que se trata de uma designação que pressupõe *o outro* como alienado. O sujeito

psicologizado deixa de ser um sujeito para responder a uma interpelação que o coloca em um lugar estagnado e isento de conflito. É o sujeito da consciência pura, reduto de seu corpo orgânico de maneira estrita, e de fatalismos que afirmam uma natureza das coisas. Cabe lembrar que a maior parte desse capítulo, assim como parte considerável do anterior, foi escrita durante o ano em que estive no México em decorrência do meu doutorado sanduíche. Muitas ideias contidas nele são resultado das aulas que participei na Universidade Michoacana de San Nicolás de Hidalgo e de outros espaços de estudos e discussões. Como a tradição intelectual mexicana difere em muitos pontos da que estamos acostumados no Brasil, me parece pertinente mencionar essa abertura para essas novas ideias e debates que o sanduíche me proporcionou.

Para assumir um “momento de concluir”, no escrito final intitulado *As margens, às margens: à guisa de conclusões*, faço um breve apanhado do que se construiu ao longo desses quatro anos, finalizando a partir de afetações surrealistas-antropofágicas com as quais me envolvi nestes últimos meses do doutorado. Trago algumas reflexões inéditas e outras que desdobro dos capítulos. Se pesquisamos sobre ideologia e alienação, é porque visamos movimentos que nos permitam criar e recriar o mundo das coisas, de modo que não nos deixemos naufragar nas bordas das margens, mas que possamos fazer constantes movimentos de aproximação e separação rumo às margens. Às margens, em movimentos dialéticos que desbravam novos caminhos nas sinuosidades improváveis do mar.

Há lampejos ardentes de vaga-lumes que cantam no vazio das arestas das noites.

Esperanças dançantes que não ofuscam a vastidão do mar.

Alaridos no peito das formas inexatas. Oníricos pensam. Atravessaremos as falésias que vivem em nós. Sairemos do outro lado do abismo invertido.

Estaremos aqui no próximo verão?

As águas fervilham e nos esperam ansiosas. Titubeios que rasgam os papéis onde queríamos escrever o nosso desejo de fazer barquinhos de papel. Lançar pelos ares esses objetos. O tempo está passando um café vencido. O futuro nunca chega.

Voltamos para o passado e comemos o nosso presente. Seguimos buscando

canetas sensíveis para escrever o verbo que dói.

Haverá, ainda, máquinas de reescrever?

CRÔNICAS, PARTE I e II

CRÔNICA INTEMPESTIVA EM TEMPO LÓGICO

[Alguns registros de tentativas de escritas de memórias pandêmicas em tempo não cronológico]

2020, tento escrever. Olho a página em branco e penso nas infinitas possibilidades de arranjos que posso tramar com as palavras. Tento resgatar meu anteprojeto de tese, porém, ele não faz mais sentido. Quando foi escrito o mundo estava diferente, havia uma esperança que pulsava e um obscuro que mandava notícias, me convidando a pesquisar. Agora, a obscuridade é de outra ordem, e seus convites parecem duvidosos. A esperança começa a caducar, quando o silêncio aterrador de um dia que costumava ser barulhento é cortado por um autofalante³ que grita: *fique em casa, proteja sua família...* Quando saio na frente do prédio, a rua parece um deserto, mas é segunda-feira. As folhas voam com o vento, o sol bate nos vidros das janelas e os pássaros continuam a cantar. Sim, é segunda-feira. [*Fique em casa, proteja sua família...*] Quando leio as notícias, números começam a aparecer: 2 mortos vítimas do novo vírus que está no ar, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10... [*Fique em casa, proteja sua família...*]

³ Em março de 2020, quando foi decretada a quarentena por causa do coronavírus que já vitimava algumas pessoas pelo Brasil, carros da prefeitura andavam pelas ruas e parques de Porto Alegre com autofalantes que diziam “*fique em casa, proteja sua família, logo vai passar...*”.

2021, abro o word. Resgato fragmentos de textos, ideias que consegui colocar no papel. Inquietações. O clima de distopia ficou para trás. Agora, a segunda-feira voltou a ser como era: barulhenta (na verdade, faz um ano que ela está assim novamente). Os ônibus lotados. [A economia não pode parar] Os cemitérios também. [E daí?] Os números passaram a fazer sentido quando pessoas próximas, queridas, ganharam o seu: 459000, 459001, 459002, 459003, 459004, 459005... Muitas não estão ganhando o seu número. Não dá tempo. Em meio à catástrofe, escrever continua a ser uma tentativa. Leio, escrevo, apago, choro, escrevo. Escrever é uma espécie de âncora que não deixa a correnteza me arrastar. Uma âncora que permite encarar essa obscuridade, por mais sombria que ela possa ser. Ela é como um monstro sem face: ao lançarmos um olhar nos joga no vazio das incertezas. Encarar o vazio nunca foi uma tarefa fácil, ele supõe uma ausência aterrorizante que, em meio ao caos, costuma nos paralisar.

2020 ou 2021. O tempo mostra a sua face desconhecida. Esse tempo que nos atravessa não está em nossos relógios, nem mesmo em nossos calendários. É um tempo que coloca ele mesmo à prova: 2021 mas parece 2020 (ou será o contrário?). Segunda-feira que parece sábado, que parece terça e daqui a pouco já é domingo. Quarentena que duraria 15 dias mas já dura XXX dias para meia XXX pessoas. Deus, pátria e família continua a ser o lema. *Vamos livrar o Brasil do comunismo, o viés ideológico há de acabar*, escuto na TV. Será que estamos em 1964 novamente? [BASTA DE COMUNISMO!] O que está acontecendo? [Na cidade, há pessoas que andam sem máscara de proteção. Usam remédios para vermes porque afirmam que se trata de um tratamento precoce contra o vírus da pandemia. Muitos receberam uma receita médica para isso. As próprias farmácias já vendem o kit {sim, eles adoram um “kit”}: cloroquina, ivermectina, azitromicina, vitamina D, falta de vergonha na cara. Os cientistas já confirmaram que não tem eficácia nenhum e, mais: pode fazer mal, até matar. Não interessa. Quem escuta os cientistas? Não passam de um bando de comunistas com viés ideológico! Viva a revolução de 1964!]

2017, leio o jornal. Semana passada o artista Wagner Schwartz sofreu diversos ataques por causa de uma performance. Seu corpo nu, dobrado, jogado, a mercê das mãos e dos olhos do público causou polêmica. Tinha uma criança lá acompanhada da mãe. Corpos nus causam polêmicas. Corpos causam polêmicas. Corpos causam. Três semanas atrás o alvo foi a exposição *Queermuseu - Cartografias da diferença na arte*, no Santander Cultural em Porto Alegre. Crianças seriam levadas ao museu. [Isso é inadmissível! Que ideologia de gênero é essa que quer acabar com o futuro de nossas crianças? Vamos protestar contra essa tal de Judith Butler que está chegando ao Brasil para promover isso! Ultimamente a ideologia vem acabando com as nossas famílias. Viva a escola sem partido!⁴ Chega dessa doutrinação ideológica nas escolas! Vamos ensinar o *design inteligente*⁵.] Protestos no SESC em São Paulo: *vá embora Judith Butler, você quer acabar com as nossas famílias!* Um boneco é queimado. Ainda bem, em outros tempos queimariam a filósofa/bruxa. *A ideologia está acabando com as nossas famílias*, gritam eles.

⁴ Para saber mais sobre o projeto “escola sem partido”, acessar: <http://www.escolasempartido.org/>

⁵ Doutrina que surgiu nos Estados Unidos contra as ideias evolucionistas. Em resumo, prega que o universo foi inventando por uma “inteligência superior” através da “ciência da criação”.

2018, o ano mal começou e, desde o natal passado, os assuntos polêmicos já rondavam os almoços de família. Aquele primo distante, ausente, que todos os meses ganha uma mesada dos pais, começa a falar sobre política. [Precisamos salvar o país. Chega de tanto roubo. Se não gosta, vai pra Cuba ou pra Venezuela!] Tudo parecia estar bem. Havia problemas, claro, sempre há. Mas, de repente, os almoços pararam de acontecer. Laços afrouxaram, outros, se desfizeram. Lados que parecem opostos começam a ganhar voz e intensidade, como se estivessem falando da mesma coisa, porém, de ângulos distintos. Discussões rasas nas redes sociais. Dizem por aí que é a tal da “pós-verdade”, como se alguma vez tivesse vigorado “a verdade” por excelência. E, mais, como se a verdade fosse uma anedota do passado. [Tem que acabar com essas universidades públicas, essa mamata há de chegar ao fim. Viva as privatizações! Chega dessas orgias acadêmicas regadas a álcool e maconha. Homem com homem, mulher com mulher. Mamadeira de piroca para as crianças aprenderem a ser gays. Esses comunistas não tem limites. Esses comunistas estão acabando com as nossas famílias]

2018, ano de eleição. Começo a perceber que esses assuntos sem pé e nem cabeça já estavam aí, sendo alimentados aos poucos, se desdobrando nas estradas do futuro-passado-presente. Nesse cenário que se desenha, a insensatez dissimulada ganha notoriedade. [A Pepsi-cola é feita com fetos abortados. A terra é plana. Meninas vestem rosa, meninos vestem azul. Nós não temos ideologia.] Como escutaremos esses absurdos sem refletir, como em espelhos, esses signos fechados, essas ideias duras como pedras? As pedras deveriam servir para duas coisas: fazer fogo e quebrar vidraças. Que fogo poderemos acender nessa repetição infinita de signos? Que vidraças quebraremos nessa inércia que se alastra? Que pedras nós cultivamos quando deveríamos estar criando fagulhas? O fascismo está aí. Alguns chamam de neofascismo. Como, em nossa miséria, deixamos isso acontecer? Como o povo apoia e canta as músicas de quem, futuramente, irá tirar o seu direito de poder cantar? Não se aprendeu nada com a história? Que desejo é esse de não poder desejar? As eleições se aproximam. Este ano não teremos Natal. Não como nos outros anos. Alguns ainda vivem na (não tão) inocente ilusão de que “o fascismo não passará”. [Nós vamos acabar com o comunismo no Brasil. O nazismo é de esquerda.]

2025, ainda-não. [

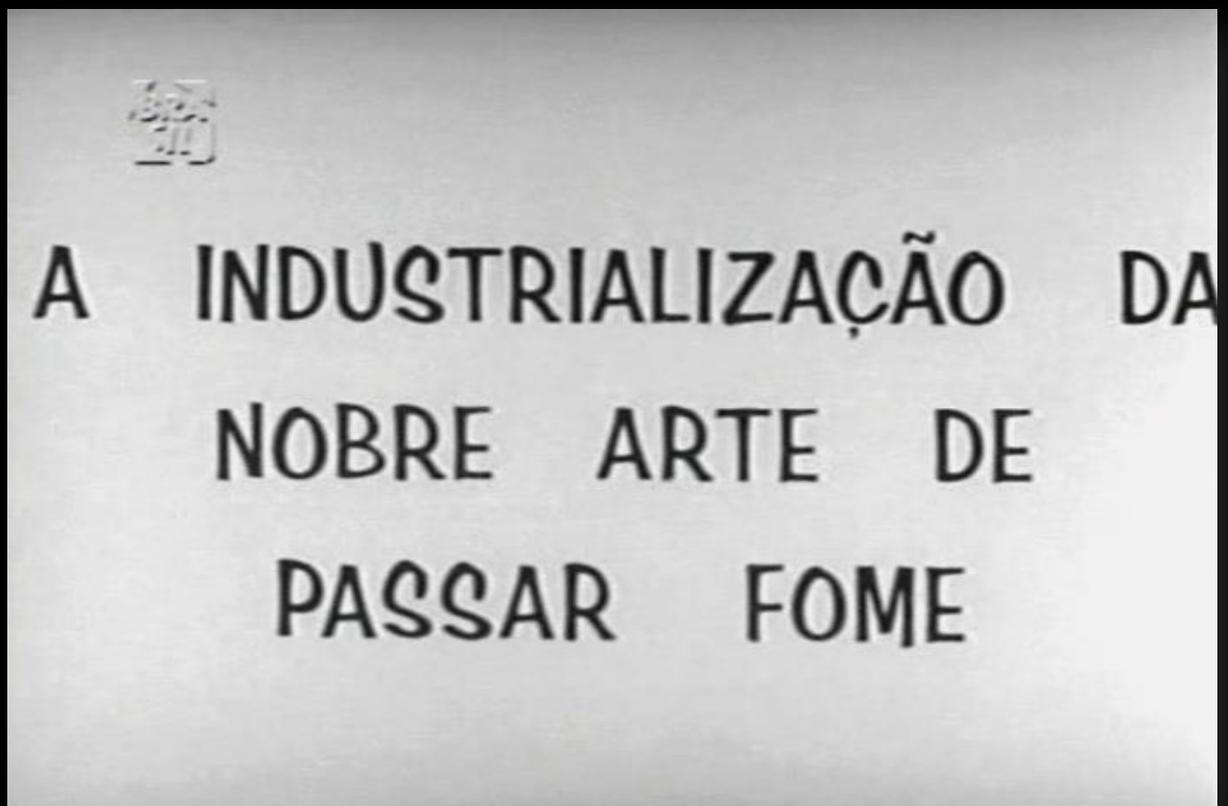
]

2021, o inverno está chegando. Preciso escrever. Uma tese não se faz sem palavras. Que palavras devo usar? O tempo corre no relógio: tic-tac, tic-tac, tic-tac... O que acontece quando acaba a pilha? Será que o tempo para? O tempo deveria parar. Mas, como parar o que não conseguimos controlar nem mesmo com um relógio a pilhas? Resolvo assistir um filme: *O profeta da fome*, de Maurice Capovilla. Ligo a TV, abro o youtube. [Homem com fome nas areias da lua brinca de futuro, o passado ronca na sua barriga] A fome vira tema de filme, vira entretenimento. Um filme de 1969. A fome aparece nos jornais, estampa as primeiras páginas. Os jornais de 2021. **O Brasil volta para o vergonhoso mapa da fome** [O descaso do governo e a insuficiência do novo auxílio deixam milhões diante de uma escolha de Sofia: morrer de fome ou sufocados⁶] O que aconteceu? Como deixamos isso acontecer? Deixamos? O que fazíamos enquanto o Brasil voltava para o (vergonhoso) mapa da fome? Não estávamos quebrando vidraças, isso é certo. Nem colocando fogo em nada. Por quê? Por que não usamos as nossas pedras? Quando nos conformamos com a ideia de plenitude e esquecemos que as revoluções são infinitas, como dizia Zamiátin⁷? [Cozinhar com fogão a lenha é a nova tendência, seus alimentos ficarão muito mais saborosos⁸] Que “resistência” é essa que se conforma em apenas “denunciar”?

⁶ <https://www.cartacapital.com.br/economia/analise-de-volta-ao-vergonhoso-mapa-da-fome/>

⁷ Zamiátin, I. I. (2017). *Nós*. (Gabriela Soares, Trad.). São Paulo: Aleph.

⁸ Subtítulo de uma notícia que falava sobre a miséria em nosso país.



O profeta da fome (1969), de Maurício Capovilla.

CartaCapital

ECONOMIA

Análise: de volta ao vergonhoso Mapa da Fome

O descaso do governo e a insuficiência do novo auxílio deixam milhões diante de uma escolha de Sofia: morrer de fome ou sufocados

247. ANOS DE LUIS PASOS ASENTOS 14 DE ABRIL DE 2021 - 10:14

[Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#) [Sign up on Google News](#)



O Brasil volta para o mapa da fome.

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/economia/analise-de-volta-ao-vergonhoso-mapa-da-fome/>

Famílias fazem fila para receber doação de ossos com restos de carne em Cuiabá

Homens, mulheres, idosos e crianças se enfileiraram na tentativa de receber os restos de ossos e carnes não comercializados por açougue em Cuiabá

20:08 | Jul. 18, 2021 | Autor: **O Povo** | Tipo: **Notícia**



Moradores de Cuiabá fazem fila na porta dos fundos de açougue para receberem doações de ossos com restos de carne (foto: Reprodução / Redes sociais)

Dezenas de pessoas se aglomeraram em um açougue no bairro CPA 2, em Cuiabá, Mato Grosso, na esperança de conseguir ossos doados pelo estabelecimento. Entre os que fizeram fila para tentar receber uma porção do donativo, estavam trabalhadores autônomos com renda impactada pela pandemia, desempregados, donas de casa, aposentados e aqueles que dependem exclusivamente de benefícios sociais.

Famílias fazem fila para receber doação de ossos.

Fonte: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/07/18/familias-fazem-fila-para-receber-doacao-de-ossos-com-restos-de-carne-em-cuiaba.html>

Menino de 7 anos pede carne em cartinha para o Papai Noel

Fã de churrasco, o pequeno Hector não come carne desde o natal passado devido à dificuldade financeira da sua família

17:41 | Dez. 07, 2021 Autor **Mirla Nobre** Tipo **Notícia**



Cartinha viralizou nas redes sociais após a mãe de Hector, Patrícia Froz de Braz, 35, publicar o desejo do pequeno na sua rede social (foto: Reprodução/Twitter/Arquivo Pessoal)

Menino pede carne ao papai noel.

Fonte: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/12/07/menino-de-7-anos-pede-carne-em-cartinha-para-o-papai-noel.html>

2021/2020. [O comunismo que matou milhões está tirando as nossas liberdades. Vamos desobedecer. Não usaremos essas máscaras ideológicas contra esse vírus da China. Não vão nos amordaçar. Continuaremos saindo de casa. Faremos tratamento precoce. Esse vírus nem existe. Não seguiremos as regras. {Há os que se vacinam escondidos: o que os olhos não vêem, o coração não sente}] Nos últimos tempos é cada vez mais forte essa desobediência com ares transgressores pela extrema-direita. Há um discurso que pede a transgressão das normas, a desobediência civil, a **ruptura** com o *status quo*. Ao passo que nós, a esquerda, cada vez mais assumimos uma postura que beira a um certo moralismo às avessas, um **discurso de ordem**. [Fiquem em casa! Usem máscara! Não saiam às ruas! Obedeçam! Não quebrem vidraças, não sejam como eles! Não à violência! Vamos mudar o mundo com poesia!⁹] A violência transgressora vira um tabu. Há uma dinâmica discursiva que nos captura e nos leva a assumir um lugar que, até algum tempo atrás, costumávamos criticar. É como se o nosso horizonte estivesse retraído, assim como as nossas expectativas e capacidade de emancipação. Não se faz revolução sem rupturas e, portanto, sem violências. Fanon¹⁰ que o diga! Em qual esquina de nossas manifestações pacíficas perdemos o senso de revolução? Quando passamos a ocupar o lugar da ordem e da denúncia inerte? Não eram os nossos pais e avós que, *caminhando e cantando*, diziam que mudaríamos o mundo? Que desordenaríamos o país? Que não deixaríamos a história se repetir como farsa?

⁹ Entendo que não existe revolução sem poesia, e Maiakovsky sabia muito bem disso. Mas, não se faz uma revolução somente com poesia.

¹⁰ Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra* (J. L. de Melo, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Por que as vidraças de bancos quebradas causam mais indignação do que quilômetros de filas de pessoas esperando o lixo para poder matar a fome?

2021, maio. Há dois dias, pelo Brasil, aconteceram manifestações contra o governo e a favor da vacina. Milhares de pessoas saíram às ruas. Jovens, adultos e idosos. Todas, todos e todes demonstrando a sua indignação com a situação atual do país. Em 2021 é necessário sair às ruas, colocar a vida em risco em meio a uma pandemia mortal para defender o uso de vacinas que salvam vidas. Hoje, no *Twitter*, a dita “esquerda *twitteira*” cancelou uma artista do Teatro Oficina porque, segundo eles, “ela é de direita”. Assim como fizeram com George Orwell¹¹, algum tempo atrás. Tudo isso por causa de uma performance que sua personagem¹² fez durante a manifestação. Talvez ela tenha cometido algum erro. Quem não comete? Os guardiões da moral e dos bons costumes caíram em cima da moça. Estranho. Até algum tempo atrás esse lugar costumava ser ocupado com maestria pela direita conservadora. A mesma que, no dia de hoje, aplaude a última decisão do governo federal: sediar a Copa América. Nenhum outro país da América Latina topou em decorrência dos perigos do vírus que está no ar. O Brasil sim. Estamos estáveis segundo o presidente. Bem, o número de mortes continua estável: em torno de 2000 por dia. As vacinas também: quase não temos. Estável em não existir.

¹¹ O escritor inglês, conhecido por ser um crítico de regimes totalitários, volta e meia vira discussão em redes sociais. Há os que defendem a sua obra e há os que a criticam e “cancelam” porque, segundo algumas pessoas, ele seria um espião da CIA infiltrado com o intuito de sujar a imagem do stalinismo.

¹² A vida de Tina, uma personagem que “expia” a culpa burguesa. Sua performance, na manifestação, foi encenar uma coreografia e soltar uma fumaça vermelha. Julga-se que, devido às circunstâncias, o momento foi inapropriado.

2021, ainda em maio. Enquanto o país desaba sucumbindo ao vírus da ignorância, a pandemia continua acontecendo. As políticas retrógadas também. *E daí* que estão morrendo 2000 pessoas por dia? É a família dos outros. As estatísticas comprovam que, mesmo envoltos na mesma peste, respirando o mesmo ar contaminado, os pobres e os negros morrem mais. Há mais de 50 anos atrás, Abdias do Nascimento¹³ já falava sobre o genocídio do negro no Brasil. Ele se repete de outras formas. **Não estamos no mesmo barco! Nunca estivemos!** Enquanto o presidente da república e seus comparças tomam decisões pestilentas, parte do que se reconhece por “esquerda” faz “textão” em redes sociais para criticar uma performance. Se não fosse isso seria outra coisa: um pronome errado, uma palavra fora de ordem, uma atitude “sem empatia”. E assim, quem deveria estar fazendo frente à barbárie, extrapolando o hoje em busca de um novo amanhã, se preocupa em criar uma imagem-própria-individual nas virtualidades das redes sociais. O “empresário de si mesmo” nos confins das ilusões de rebeldia. Uma rebeldia que não rebela-se. No fim das contas, cultivar pedras nunca foi uma exclusividade da oposição. Quando reconheceremos a nossa parcela nessa desordem de que tanto nos queixamos?

¹³ Nascimento, A. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas.

O tempo não está no relógio nem no calendário. Vou para a análise. A minha cama é o divã, literalmente. Na quarentena infinita, descobri que um lugar pode ser vários lugares ao mesmo tempo. Moro na UFRGS, no meu consultório (que subloco de uma ex-colega, então consultório dela também), no consultório da minha psicanalista (talvez na casa dela também, não sei, nunca perguntei de onde ela me liga), na biblioteca, no bosque perto de casa... Enquanto a minha analista não liga, olho para os livros na estante e penso na dificuldade de escrever. Vou escrever sobre isso: escrever sobre a dificuldade de escrever. Escrever sobre esse tempo que não passa e, ao mesmo tempo, não para de não passar. Escrever sobre fazer um doutorado em tempos pandêmicos. Ainda não sabemos o que é isso. Espero chegar no *só depois* para poder narrar essas histórias que hoje (não) vivemos e que ainda faltam às palavras. Quem sabe chegando nesse outro tempo que virá, que-ainda-não-foi, consigamos encontrar algumas pistas sobre esses dias que ainda-não-sabemos-muito-bem.

Tempo. O tempo parece não passar. Porém, quando olho para fora e sinto o inverno chegar novamente, percebo a pertinência do tempo e o descarrilhar nas dobras do infinito. Os embates ideológicos ganham formas distintas. Novos rearranjos. A ideologia se reinventa. Só tem uma coisa que nunca muda: *os alienados, eles são os outros*. Não importa o tempo. Para a ideologia o tempo é lógico e não cronológico. Será que a ideologia continua eterna como costumava dizer Althusser¹⁵? Impossível *ser contemporâneo* sem inquietar-se com a ideologia. Ela ronda as obscuridades de nosso tempo que se autoafirma **pós-ideológico**, e nos convida a continuar pesquisando. Quem pode dizer o que é esse contemporâneo (ideológico) que não cessa de não se inscrever? Depois disso tudo, de uma coisa sabemos: o contemporâneo não é, necessariamente, o sinônimo de presente. Mas o presente, em sua atualidade, é o que temos como uma espécie de “decantador” do contemporâneo. A atualidade, em sua efemeridade e transitoriedade anacrônica, nos permite a escrita das [dores] crônicas [ideológicas] do contemporâneo. E o contemporâneo a afirmação das [dores] crônicas de um tempo que não para de não passar.

15 Althusser, L. (1980). *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (Joaquim J. de Moura Ramos, Trad.). Lisboa: Martins Fontes.

VII. AS MARGENS, ÀS MARGENS: À GUISA DE CONCLUSÕES

Triturar desesperadamente os obstáculos por meio de martelos materiais.
Antonin Artaud, Textos surrealistas

O sonho é o único direito que não se pode proibir.
Glauber Rocha, Eztetyka do sonho

No fim das contas, a ideologia não acabou com a família. Tampouco acabou com a moral e os bons costumes. Passou os anos 1960, 1970, 1980. A cortina de ferro caiu. O capitalismo entrou em metástase. Vimos os anos 1990, 2000. Passamos por uma pandemia mundial que dizimou parte da população e de nossas vidas. Nós, que sobrevivemos ao vírus, ao capitalismo e ao fascismo, continuamos tentando elaborar as inúmeras perdas desse período. O tempo nunca mais será o mesmo. Chegamos a 2024. O que faremos agora?

Hoje, mais do que nunca, a ideologia ganha força como um elemento de difícil apreensão de nossa insólita realidade. Isso porque, assim como o inconsciente, a ideologia não é uma abstração metafísica idealista, ela é uma força material. Ela constrói e destrói o mundo das coisas. Para além do seu nome ecoando nos ventos e surtindo efeitos de sentidos, ela marca presença através da ilusão de sua ausência. Por sua condição espectral, ela assombra quando vira algo supostamente externo a nós: o fantasma do comunismo, a ideologia de gênero, LGBTQIA+, o bolchevismo e o marxismo cultural, etc. Na ânsia em se criar um território sólido e inabalável, em tempos onde o próprio sistema (sobre)vive de crises e titubeios cíclicos, a suposição de uma exterioridade ideológica abarca a tendência de um tempo: *os alienados são os outros*. Não ao acaso, essa palavra ganha eco nos meandros do mundo: tudo é ideologia (menos nós mesmos que temos o controle absoluto sobre as nossas vidas, é claro). Nessa vertente se desenha um mundo livre de paradoxo, onde entra em voga uma realidade total que, em sua aspiração a uma neutralidade, resolve todos os antagonismos sociais com fórmulas simples e certeiras. Basta comprarmos essas ideias, no pix ou no cartão.

O idealismo dos jovens hegelianos não chegou ao fim depois das críticas marxistas no século XIX. Muito pelo contrário, o hegelianismo que aspira a uma evolução da sociedade a partir de uma transcendência metafísica se reinventou nas rachaduras do tempo. O capitalismo-colonial conseguiu, de maneira sutil, colonizar até mesmo as aspirações emancipatórias mais subversivas. É como se nas brumas do deserto da ideologia, a realidade fosse ganhando novas articulações a partir do que pulsa nos corpos sociais. Em outras palavras, é como se as pequenas variações no cenário que se desenha nessas areias, apenas endossassem as paisagens que já estão consagradas. Não precisamos fazer uma larga pesquisa

para constatar isso: vivemos para trabalhar, para ganhar dinheiro. O que move o mundo, acima de tudo, são as notas de papel imaginárias com as quais compramos coisas. Consumimos e somos consumidos pelo capital. E assim dificilmente conseguimos avistar outros horizontes que não sejam o consumo de algo: objetos, pessoas, sensações, identidades, coisas, ilusões, corpos, ideias, sentidos, conteúdos, etc.

Aonde quero chegar com isso? Que a ideologia está por todos os lados. Não chegamos ao fim da ideologia, nem perto disso. E certamente nunca chegaremos. E, ademais, caso fosse possível chegar a tal fim algum dia, possivelmente seria uma experiência próxima do que imaginamos ser a morte em sua totalidade imóvel. Assim, não chegamos, não chegaremos e nem deveríamos almejar chegar a tal desencanto completo de tudo. Dito isso, não somos “menos ideológicos” por consumir “com consciência” ou por separar o lixo. Reconhecer essa presença da ideologia na afirmação de sua ausência é levar em consideração essa força material que nos embala, mesmo quando pensamos estar livres dela. Em última instância é atuar em consequência política. Se acreditamos que um outro mundo é possível, não podemos simplesmente nos colocar em um lugar externo à ideologia, como se carregássemos uma verdade pura e casta que libertará os outros dos jugos da opressão e da obscenidade. Essa aspiração, no fim das contas, traz algo de cinismo. Olhar para a ideologia é reconhecer a opacidade do inconsciente, isto é, que pertencemos a um lugar no mundo com todas as suas contradições. E este, com todos os seus atravessamentos precisos e, paradoxalmente, momentos intempestivos de acontecimentos disruptivos, demarcam a nossa condição de alienação. *Nós, os alienados*: castos-obscenos da ideologia. Agora sabemos que não somos os donos de nossa própria casa.

Eis que chegamos em um caloroso desafio: como sustentar o sonhar que se sabe realidade sonhada? Como assumir as lutas em suas fragilidades sem cair na armadilha de suas negações? Este trabalho aponta algumas direções: encontrando exatamente neste sonhar frágil o labor incontornável de seguir construindo quem podemos ser, seguir friccionando futuros, mesmo que em constante estranhamento com a ideologia que levamos nas entranhas.

Não é de se estranhar que as [dores] crônicas [ideológicas] que pulsam em nosso corpo social emprestem um ritmo a esta tese. A escrita de crônicas neste percurso foi imprescindível para os debates que propomos nos ensaios. Elas trouxeram alguns desvarios escritos a partir de palavras, fatos, imagens, silêncios, cores, jargões, que estamparam as notícias e acontecimentos cotidianos nos últimos anos. Elas são como um desdobramento da pesquisa na busca de recursos que complexifiquem as questões aqui levantadas, como a ideologia, a alienação, o inconsciente, a subjetividade, etc. Essas noções que trabalhamos a partir de

recortes teóricos não são abstrações metafísicas. No entanto, não temos como estudá-las de modo estritamente objetivo. Neste caso, as crônicas dão um suporte através da materialidade das palavras, para que possamos desdobrar e aprofundar por outras vias que não apenas teóricas, essas dimensões que dizem de nossa realidade fraturada. As artes em seus desígnios e efeitos estéticos nos convocam a (re)pensar sobre os âmbitos políticos, sociais, subjetivos e econômicos que circunscrevem as nossas experiências no mundo.

Ao nos permitirmos navegar pelas imagens que compõem as crônicas, tocamos em fatos mundanos corriqueiros. Estes, por sua vez, como fatos estéticos, compõem a poética do mundo (Andrade, 2017). Na busca de uma desrazão insensata que ofereça um desvio às normas consagradas pelas artimanhas das relações de poder, nos debruçamos numa ética da (des)forma e da experiência. Não adianta apenas falarmos, teoricamente, sobre furos nos saberes hegemônicos e na totalidade dos discursos. Precisamos assumir em nosso próprio corpo essas curvas estéticas que rompem a lógica do mesmo e, sobretudo, as fendas e os limites do próprio ato de pesquisar. As formas não existem apenas como veículos de transmissão e articulação de conteúdos de um modo passivo. Na verdade elas falam por si, trazem uma força e uma mensagem própria podendo ser mais radicais do que o conteúdo que carregam. As formas se constituem como campos estéticos de afetações que evidenciam o seu caráter processual-contingencial. Não ao acaso, as discussões ideológicas costumem passar por essa dimensão. Se olharmos para a história das artes, perceberemos que muitas das obras censuradas e retiradas de circulação, por motivos ideológicos (explícitos ou não), traziam elementos na sua composição formal que rompiam com modelos designados como norma, *rasgando, cortando, dilacerando* as formalidades que organizam os nossos campos imagéticos.

Neste caso as crônicas são, também, uma maneira de jogar com os vãos da própria linguagem, de modo a subverter a lógica produtiva acadêmica baseada em padrões de escrita e transmissão eurocentrados. As crônicas são como um ácido que dissolve os modelos enraizados e consagrados nas academias brasileiras e latino-americanas. É um modo de uso da escrita que permite jogar com as pluralidades do mundo que só as ficções podem nos proporcionar. Estamos dentro, fora e por todos os lados desse universo que criamos a partir dos atravessamentos do que arde na chama no mundo. Não basta ocuparmos o lugar estagnado das margens, há que se lançar às margens em constantes movimentos de alienação e separação.

Navegamos pelo significante ideologia que pulsa na ponta das línguas falantes, nos muros que dividem territórios e nos corpos que se enunciam. Chegamos ao fim da ideologia!

Mais uma vez! E isso, por si só, mostra o seu caráter de permanência que precisa, de tempos em tempos, a afirmação de seu fim através da articulação discursiva no laço social. Em meio aos (des)encontros desse percurso, apostamos na dimensão não-toda da própria realidade. Nessas porosidades que denunciam a não-totalidade das coisas, encontramos trincheiras desde onde lançamos explosões. Entendemos que movimentos de emancipação, sejam eles quais forem, necessitam escapar de uma metafísica histórica capturada pelo signo de uma revolução estrita no singular. Emancipação não é sinônimo de lei histórica, não possui um tratado que assegure o seu acontecer (Alemán, 2018). O sujeito suposto saber da história que garantiria a marcha do tempo não deve ser restrito a um protótipo único e congelado, já que isso seria desconsiderar toda dialética da própria sociedade em movimento. Se o desejo anda no sentido de subversões no campo da ideologia, precisamos contar com um lugar de não-saber para aberturas que surgem do acontecimento (Alemán, 2018).

Nesse sentido, só há política porque passamos pelo dilema do momento hegemônico (Alemán, 2018), isto é, de algum momento histórico que, em sua continuidade, coagula sentidos e significados. O hegemônico, neste caso, como a *tendência* de um tempo. Ressaltamos a palavra *tendência* porque não estamos nos referindo a uma plenitude constante, mas a uma realidade fragmentada pela sua própria condição. Com os sujeitos não é diferente. Estes nunca encontram uma representação significativa que os totalizem, e justamente por isso não é o fim da história nem o fim da ideologia. Logo, para Alemán (2021b), a noção de hegemonia poderia carregar um outro significado possível. Para o psicanalista argentino, a lógica do capital diria respeito ao poder, na medida em que se trata de um movimento circular onde o “diferente chama o diferente” para que nunca exista a diferença. Em outras palavras, há um apagamento da dimensão intempestiva e acontecimental. Já a hegemonia não estaria relacionada à captura, mas a uma alternativa ao poder dominante, na medida em que diz respeito a uma resposta ao real impossível. A hegemonia, neste outro sentido, se constrói a partir de singularidades, tendo como ponto de partida a heterogeneidade e, portanto, se constitui como um lugar vazio que comporta a inscrição de realidades plurais. Uma hegemonia contra-hegemônica em sua própria topologia.

El <<saber hacer>> con esas brechas, diferencias, heterogeneidades, en la construcción de una voluntad colectiva constituirá la hegemonía, que tiene que ver con la imposibilidad y no con el poder (Alemán, 2018, p. 58).

Logo entende-se que o momento hegemônico é insuperável, na medida em que não existe sociedade que não seja uma resposta às brechas que a constitui. Nesse sentido, movimentos de emancipação estariam relacionados a um luto e uma despedida dessa

metafísica da revolução e das leis históricas, de modo que essa aposta hegemônica seja uma articulação de diferenças que nunca serão anuladas (Alemán, 2018). Sendo assim a hegemonia não seria uma vontade de poder nem mesmo de representação política. O poder neoliberal seria um tipo de dominação que se dissimula como consenso, manifestando-se de maneira “natural” ao disfarçar a sua ideologia justamente do contrário: o fim da ideologia. Para fazer frente a isso, assumindo uma nova proposta emancipatória, devemos olhar para essa universalidade impossível, barrada e incompleta que é o Comum (Alemán, 2018).

Nas andanças pelas tramas ideológicas do mundo, reconhecemos a importância e a urgência dos movimentos anticapitalistas, antimperialistas e anticoloniais. Transitando por esses espaços improváveis desde onde se articula esse Comum, pensamos nessas torções possíveis e impossíveis que desarticulam uma determinada cadeia em sua continuidade. Uma ética-estética que busca uma irrupção de outras sensibilidades, a partir das fissuras e deslocamentos engendrados através de distintas linguagens em devir. Ao navegarmos pelos mares da ideologia e da alienação, estamos lutando contra a “peste dos chamados povos cultos e cristianizados” (Andrade, 2017, p. 59). Antropófagos natos! Embora não tenhamos nos aprofundado teoricamente na questão da antropofagia durante o percurso da tese, é inevitável que ela apareça aqui nestas linhas finais.

Quando pensamos em atos subversivos e revolucionários diante da ideologia dominante, isto é, do hegemônico que nos faz questão, transitamos pelas insurgências rebeldes que nadam contra a corrente dos mares que se alastram. Assumimos a nossa amefricanidade e desenhamos novos mapas que busquem constantes desvios de rotas e rotas em desvio. Rastreamos ritmos de ondas que nos levem aos mistérios da imensidão do mar. “Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?” (Andrade, 2017, p. 55). Conscientemente ou não, esta tese fez movimentos antropofágicos do início ao fim. Na busca de furos no presente, passado e futuro que se enlaçam a partir da escrita, navegamos pelas descontinuidades que rompem com o tempo linear das certezas universalizantes: com o *pretuguês* (Gonzalez, 2020), uma antropologia especulativa (Saer, 2012), uma psicopoética (García, 2021), uma fabulação especulativa através de contranarrativas (Hartman, 2022), uma Relação (Glissant, 2021) entre saberes nesse caos-mundo cheio de disparates. Assumimos as palavras como atos, como uma concretude ativa da experiência de escrita sem receios da espada do juízo (Costa, 2014).

O Comum em sua incompletude que possibilita a Relação nesses ecos-mundos em efervescência transborda circuitos moventes. A ideologia como o que designa as marcas de um lugar de pertencimento comporta furos em seu próprio saber. O artista brasileiro Cildo

Meireles parecer ter entendido muito bem como essas lógicas funcionam. Impossível não lembrar de duas obras suas: *Inserções em circuitos ideológicos: projeto Coca-Cola* (1970) e *Inserções em circuitos ideológicos: projeto cédula* (1970). Ambas partem da seguinte premissa:

1. existem na sociedade determinados mecanismos de circulação (circuitos):
2. esses circuitos veiculam evidentemente a ideologia do produtor, mas ao mesmo tempo são passíveis de receber inserções na sua circulação:
3. e isso ocorre sempre que as pessoas as deflagrem.⁹⁸



Inserções em circuitos ideológicos: projeto Coca-Cola (1970)

Fonte: <https://g.co/arts/PP5Bf5pDHJEcr7kJ9>



Inserções em circuitos ideológicos: projeto cédula (1970)

Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/62048>

⁹⁸ O depoimento de Cildo Meireles está registrado em Cildo Meireles. Coleção Arte Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Funarte, 1981

O artista inspira-se em duas práticas usuais que trazem implícitas as noções do meio circulante, trazendo a noção de “circuito”: as correntes de santos em que uma pessoa recebe uma carta, copia e repassa para outras pessoas e as garrafas jogadas ao mar. Essas práticas podem ser observadas nas garrafas retornáveis e nas cédulas de dinheiro. Em ambas, há um circuito ideológico veiculado pela própria existência desses objetos. Desse modo, propõe um expectador ativo. A obra não se resume ao artista ou a uma exposição, mas aos sujeitos que receberem em suas mãos essas garrafas ou essas cédulas. Apesar desses objetos trazerem uma significação quase absoluta, as inscrições que se efetua inesperadamente sobre elas oblitera a sua própria existência total. As garrafas, por exemplo, passam a carregar uma outra designação, causando torções e uma ruptura com o clássico emblema da Coca, com mensagem como “Yankees go home”, “quem matou Vladimir Herzog”, etc.

A inserção de mensagem impremeditadas rompe com o circuito estrito dos signos repetitivos. Os objetos que veiculam ideologia vão sendo modificados desde uma poética que corrói o seu próprio corpo de significações. Com isso, se dilacera a ideia de que um significado é eterno, pois as palavras como navalhas afiadas produzem efeitos de deslocamento, estranhamento, espanto, choque, etc. Há uma colisão entre o que se espera e o que se encontra, desarticulando toda uma cadeia que engendrava sentidos inertes.

Esta tese buscou, em seu próprio corpo e caminhada, exercitar uma poética que atuasse como transmissão de afetos. Não no sentido de impor ou designar como as coisas devem ser, mas no de afrouxar os elos que fecham significados, de modo que cada leitor possa afetar-se com a leitura e implicar-se com o seu lugar no mundo a partir de uma experiência singular. Mais do que desenhar utopias precisas que confortem o nosso desamparo diante das incertezas do mundo, afirmando que o nosso potencial é infinito (Clark, 2013), apostamos nas colisões que desgarram lugares e nos colocam diante de nossa própria alienação. Não precisamos de consolos premeditados, nem mesmo de quimeras nostalgias, mas encarar o nosso próprio fracasso (Clark, 2013), os nossos limites que nos situam mais além do improvável das aberturas intempestivas. Se os muros existem, eles servem não apenas para dividir territórios ou serem contemplados, mas para serem riscados, pichados, rasurados, derrubados, feitos em pó. Inevitavelmente transitaremos entre os lados que se contradizem e formulam a realidade em suas fraturas paradoxais.

Dos restos que ficaram desses muros, dessas nostalgias e desses lutos da travessia do doutorado, a autora está construindo “martelos materiais” que possam continuar desarticulando as pedras lógicas da razão e do bom senso que erige fronteiras de arames farpados e joga bombas em hospitais. Enquanto termino esta tese pessoas saem de férias,

visitam praias, dormem tranquilamente à noite. Ondas de descanso sonham. Mas o genocídio em Gaza continua. Os fascistas estão murmurando. A ideologia mais viva do que nunca. Os jornais informarão? Nós, os outros, o mundo, sonhos, devaneios, rastros que o vento dissolve. Os passos na areia encontrarão outros rumos. Trilhos no mar. O funesto cria luzes de utopias remotas. Pássaros rebeldes à deriva constroem casas. A revolução pitoresca sente saudade. A (sur)realidade grita pedindo socorro. Grandes barcos que andam contra a corrente das águas velejarão?

Referências

- Achebe, C. (2012). A literatura africana como restabelecimento da celebração. In Achebe, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Companhia das letras, pp. 111-125.
- Agamben, G. (2009). O que é o contemporâneo? In G. Agamben, *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, pp. 55-73.
- Alemán, J. (2021a). *Ideología: Nosotras en la época. La época en nosotros*. Madrid: Ned Ediciones.
- Alemán, J. (2021b). *Izquierda lacaniana: textos intervenidos*. Buenos Aires: Modesto Rimba.
- Althusser, L. (1985). *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. (W. J. Evangelista, Trad.). 2ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Althusser, L. (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: Žižek, S. (Org.). *Um mapa da ideologia* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Althusser, L. (2002). *Para um materialismo aleatorio* (P. Fernández Liria; L. Alegre Zahonero; G. González Diéguez, Trads.). Madrid: Arena Libros.
- Althusser, L. (2014). Psicoanálisis y psicología. In: *Psicoanálisis y ciencias humanas*. Nueva Visión, pp. 65-108.
- Althusser, L. & Balibar, E. (1969). *Para leer el capital* (M. Harnecker, Trad.). Ciudad de Mexico: Siglo Veintuno Editores.
- Andrade, O. (2017). *Manifesto Antropófago e outros textos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Araújo, C. M. de; Barbosa, S. R. S. (2013). Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. *Interdisciplinar* (Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE). VIII, v. 17, jan/jun.
- Aristóteles (2004). *Acerca del alma*. Buenos Aires: Losada. (Publicado originalmente em - 350).
- Assis, M. (1994). O nascimento da crônica. In M. Assis, *Crônicas escolhidas de Machado de Assis - Coleção Folha* (pp. 13-15). São Paulo: Ática.
- Bakhtin, M (2003). *Estética da criação verbal* (P. Bezerra, Trad.). 4.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Barros, R. J. F. (2014). O cinismo e o capitalismo: ideologia e teoria radical em Slavoj Žižek. *Em debate: Revista Digital*. Florianópolis, n. 11, p. 145-151. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2014n11p145>

- Barthes, R. (2013). *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977* (Leyla Perrone-Moysés, Trad.). São Paulo: Cultrix, 2013.
- Bell, D. (1988). *The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties*. New York: The Free Press. (Publicado originalmente em 1960).
- Bloch, E. (2005). *O principio esperança* (Nélio Schneider, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Borges, J. L. (1998). *El tamaño de mi esperanza*. Madrid: Alianza Editorial.
- Carbone, R., & Eiff, L. (2011). Desde Martinica: apuntes para una crítica de la modernidad latinoamericana. In A. Césaire, *Una tempestade* (pp. 9-40). Buenos Aires: El 8vo. loco.
- Carnut, L. (2022). “O que o burguês faz lamentando. o fascista faz sorrindo”: Neofascismo, capital internacional, burguesia associada e o Sistema Único de Saúde. Civitas: *Revista De Ciências Sociais*, 22, e 41512. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41512>
- Carnut, L., & Regis, C. G. (2022). Ofensiva burguesa em tempos de golpe: o "marxismo cultural" na educação brasileira. *Temporalis*, 22(43), 109–122. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2022v22n43p109-122>
- Castro-Gómez, S. (2005). *La Hybris del Punto Cero. Ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana.
- Clark, T. J. (2013). *Por uma esquerda sem futuro* (José Viegas, Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Cervantes, M. (2015). *Don Quijote de La Mancha*. Barcelona: Alfaguara.
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo* (Cláudio Willer, Trad.). São Paulo: Veneta.
- Césaire, A. (2011), *Una tempestade*. Buenos Aires: El 8vo. loco.
- Cezar, B. E.; Costa, L. A. (2023). Tempo, variação e esquecimento: seis operações da ética da memória. *Revista Memória em Rede*, v. 15, n. 29. <https://doi.org/10.15210/rmr.v15i29.24271>
- Costa, L. A. (2014). O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(spe), 551-576.
- Costa, L. A. (2020). Narrar-se para se desgarrar do razoável: a ficção como dispositivo clínico-político ético estético. *Paralelo* 31. V.15, 180-207.
- Cucicanqui, S. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Deleuze, G. (1996). O atual e o virtual. In: Deleuze, G. & Parnet, C. *Diálogos*. Paris: Flamarion.
- Deleuze, G. Guattari, F. (2012). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3*. (A. G. Nrtto; A. L. Oliveira; L. C. Leão; S. Rolnik, trads.). 2ªed. São Paulo: Editora 34.

- Didi-Huberman, G. (2006). *Ante el Tiempo: Historia del arte y anacronismo de las imágenes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora.
- Didi-Huberman, G. (2011). *A sobrevivencia dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Elia, L. F. (2011). Estrutura e contemporaneidade: o pai e o sintoma no tempo social e no tempo da análise. *Correio da APPOA*, v. 1, p. 19-29.
- Exposto, E.; Rodriguez V, Gabriel. (2020). El goce del Capital: Hipótesis para la reconstrucción de un psicoanálisis marxista; *Demarcaciones*; Demarcaciones; 8; 4, pp. 129-156
- Fanon, F. (1965). *A dying colonialism* (H. Chevalier, Trad.). New York: Groove Press. (Publicado originalmente em 1959).
- Federici, S. (2017). *Calibã e a Bruxa* (Coletivo Sycorax, Trad.). São Paulo: Editora Elefante.
- Ferreira-Lemos, P. P. (2011). Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: Spink, M. J. P. Figueiredo, P.; Brasilino, J., Orgs. *Psicologia social e personalidade* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108.
- Fischer, L. A. (2009). *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*. Porto Alegre: Editora Arquipélago.
- Fisher, M. (2020). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo* (R. Gonsalves, J. Adeodato, M. da Silveira, Trads.). São Paulo: Autonomia Literária
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir* (R. Ramallete, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1993). O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista (Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro). *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. v.1, n. 1, pp. 197-200.
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)* (Eduardo Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2000). O que são as luzes? In: M. B. Motta. (Org.). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (Elisa Monteiro, Trad., Vol 2, pp. 335-351). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Publicado originalmente em 1984).
- Foucault, M. (2013). De espaços outros (A. C. A. Nasser, Trad.). *Estudos avançados*. 27, (79), pp. 113-122.
- Freud, S. (1992a). La sexualidad em la etiología de las neurosis. In.: In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, Trad., 2ª ed., Vol. III). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1898).
- Freud, S. (1992b). Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia. In.: In S. Freud, *Obras Completas* (José L.

- Etcheverry, Trad., 2ª ed., Vol. IV). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1992c). La interpretación de los sueños. In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, Trad., 2ª ed., Vol. III). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1992d). El chiste y su relación con lo inconsciente. In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, Trad., 2ª ed., Vol. III). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1992e). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, Trad., 2ª ed., Vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1992f). Fragmentos de la correspondencia con Fliess (1950 [1892-99]). In S. Freud, *Obras Completas* (José L. Etcheverry, Trad., 2ª ed., Vol. I). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2018). *O futuro de uma ilusão* (R. Zwick, Trad.). 2 ed. Porto Alegre: L&PM. (Publicado originalmente em 1927).
- Freud, S. (2015a). *O mal-estar na cultura* (Renato Zwick, Trad., 2 ed.). Porto Alegre: L&PM. (Publicado originalmente em 1930)
- Freud, S. (2015b). O poeta e o fantasiar. In: Freud, S. (2015). *Arte, literatura e os artistas* (Ernani Chaves, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In.: Freud, S. (2019). *O infamiliar; seguido de O homem de Areia de E. T. A. Hoffman* (Ernani Chaves, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Publicado originalmente em 1919).
- Freud, S. (2020a). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In.: Freud, S. (2020). *O mal-estar na cultura e outros escritos* (M.R.S. Morais, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 99-136. (Publicado originalmente em 1915).
- Freud, S. (2020b). Psicologia das massas e análise do Eu. In.: Freud, S. (2020). *O mal-estar na cultura e outros escritos* (M.R.S. Morais, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 137-232. (Publicado originalmente em 1921).
- Fukuyama, F. (1992). *The end of history and the last man*. Nova York: The Free Press.
- García, R. E. (2021). *Psicopoética: lenguaje, subjetividad y recreación subversiva del mundo*. Buenos Aires: Biblos.
- Gillot, P. (2018). *Althusser e a psicanálise* (P. E. Z. Davoglio; F. R. Barbosa Filho; M. L. Lery-Lachaume, Trans.) São Paulo: Ideias e Letras.
- Glissant, E. (2005). *Introdução a uma poética da diversidade* (E. do Carmo Albergaria Rocha, Trad.). Juiz de Fora: Editora UFJF.

- Glissant, E. (2021). *Poética da Relação* (M. Vieira; E. J. de Oliveira, Trans.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Grespan, J. (2021). *Marx: uma introdução*. São Paulo: Boitempo.
- Gros, F. (2018). *Desobedecer* (C. Euvaldo, Trad.). São Paulo: Ubu Editora.
- Guattari, F. Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Gramsci, A. (2020). *Odeio os indiferentes: escritos de 1917* (D. Mussi; A. Bianchi, trans.). Boitempo: São Paulo.
- Hartman, S. (2022). *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais* (Floresta, Trad.). São Paulo: Fósforo.
- Jacoby, R. (2007). *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica* (C. Araújo, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jameson, F. (1997). *As sementes do tempo* (José Rubens Siqueira, Trad.). São Paulo: Editora Ática.
- Jesus, C. M. (2020). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática.
- Kant, I. (1985). Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”? In: Kant, I. *Textos seletos* (F. d. S. Fernandes, Trad.). 2ªed. Petrópolis: Vozes, pp. 100-116).
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (Jess Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó.
- Kopenawa, D.; Albert, B. (2015). *A queda do céu* (B. Perrone-Moisés, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020a). *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020b). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2022). *Por um futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- La Boétie, E. (1999). *Discurso da servidão voluntária* (L. G. dos Santos, Trad.). São Paulo: Brasiliense.
- Lacan, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, 1969-1970*. (A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. (D. Duque Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1996). O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: Žižek, S. (Org.). *Um mapa da ideologia* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, pp. 97-104.
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956).
- Lacan, J. (1998b). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 843-864). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998d). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998e). A ciência e a verdade. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In *Outros Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 15-28). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2006). *Problemas cruciais para a psicanálise. Seminário 1964-1965*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife.
- Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)* (M.D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008b). *A lógica do fantasma (Seminário 1966 – 1967)*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife. (Trabalho original publicado em 1967).
- Lacan, J. (2008c). *O seminário, livro 16: de um outro ao outro* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008d). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. (C. Berliner, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Laclau, E. (2000). *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- Lazzarato, M. (2022). [¿Te acuerdas de la revolución?: Minorías y clases](#). (F. Rodríguez, Trad.). Buenos Aires: Eterna Cadencia.

- Le Breton, D. (2013). *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade* (M. Appenzeler, Trad.). 6ªed. Campinas: Papirus.
- Leader, D. (2023). *Gozo: sexualidade, sofrimento e satisfação* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lenin, V. I. (1977). Um passo em frente, dois passos atrás (A crise no nosso partido). In.: Lenin, V. *Obras escolhidas de V. I. Lenine*. Lisboa: Editorial avante, pp. 215-376.
- Lenin, V. (2020). *O que fazer: questões candentes de nosso movimento* (Edições Avante, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Lévi-Strauss, C. (1996). A eficácia simbólica. In Lévi-Strauss, C. *Antropologia Estrutural* (C. S, Katz e E. Pires, Trad.) (pp. 215-236). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade* (M. Lança, Trad.). Lisboa: Antígona.
- Macari, M. L., & Bloss, G. M. (2023). Correspondências Havana-Buenos Aires: inflexões sobre política e memória desde o tempo que atravessa a cidade. *Alegrar*, 30, 95-117. <https://alegrar.com.br/alegrar-30/>
- Macari, M. L. & Weinmann, A, de O. (2021). Psicanálise e Revolução Russa: notas para um debate. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 39(2), e204. Epub July 03, 2022. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.8595>
- Marcuse, H. (1993). *El hombre unidimensional. Ensayo sobre la ideología de la sociedad industrial avanzada* (A. Elorza, Trad.). Barcelona: Planeta Agostini.
- Martin-Baró, I. (2017). *Crítica e libertação na psicologia* (F. Lacerda Júnior, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Martin-Baró, I. (2015). Los cristianos y la violencia (1968). *Teoría y Crítica de la Psicología*, 6, p. 415-456.
- Marx, K. (1845). Ad Feurbach. In Marx, K. & Engels, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stirner* (R. Enderle; N. Schneider; L.C. Martorano, Trds.). São Paulo: Boitempo, pp. 533-535, 2007.
- Marx, K. (2011). *O Capital, livro I* (R. Enderle, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômicos-filosóficos* (J. Ranieri, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. & Engels, F. (2019). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stirner* (Milton Camargo Mota, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Marx, K. & Engels, F. (2012). *Manifesto do Partido Comunista* (S. Tellaroli, Trad.). São Paulo: Penguin Classics / Companhia das Letras.

- Mattuella, L. (2010). Uma época sem nome: sobre a tautologia do tempo perdido. In C. Söhngen & A. Pandolfo (Orgs.), *Encontros entre direito e literatura: ética, estética e política II* (pp. 89-104). Porto Alegre: Edipucrs.
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia* (P. Neves, Trad.). São Paulo: Cosac Naify.
- Medeiros, R. A. (2015). Cinismo, fundamentalismo, o vencido e a amizade: o quarteto do fantástico capitalismo e sua coesão insustentável. *Correio de APPOA*, v. 246. https://apoa.org.br/correio/edicao/246/cinismo_fundamentalismo_o_vencido_e_a_amizade_o_quarteto_do_fantastico_capitalismo_e_sua_coesao_insustentavel/218
- Medeiros, R. A. (2019). Capitanalistas. *Correio da APPOA*, v. 293. <https://apoa.org.br/correio/edicao/293/8203capitanalistas/775>
- Mészáros, I. (2016). *A teoria da alienação em Marx* (N. Schneider, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Miller, J. A. (1979). A Sutura: elementos da lógica do significante (1965). In *Estruturalismo: antologia de textos*, São Paulo, Martins Fontes, pp. 211-224.
- Nascimento, A. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3ªed. São Paulo: Perspectiva.
- Nascimento, M. B. (2021). *Uma história feita por mãos negras* (organizado por Alex Ratts). Rio de Janeiro: Zahar.
- Nascimento, M. B. (2022). *O negro visto por ele mesmo* (organizado por Alex Ratts). São Paulo: Ubu Editora.
- Núñez, G. (2021). Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. ClimaCom – Diante dos Negacionismos [online], Campinas, ano 8, n. 21. Novembro. <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>
- Orwell, G. (2009). *1984*. São Paulo: Companhia das letras.
- Pasolini, P. P. (2007a). L'articolo delle lucciole (1975). In.: Pasolini, P.P. *Scritti corsari*. Milano: Collana Nuova Biblioteca.
- Pasolini, P. P. (2007b). Il vero fascismo e quindi il vero antifascismo (1974). In.: Pasolini, P.P. *Scritti corsari*. Milano: Collana Nuova Biblioteca.
- Parker, I; Pavón-Cuéllar, D. (2022). *Psicanálise e revolução: psicologia crítica para movimentos de liberação* (L. R. Gil, Trad.). São Paulo: Autêntica.
- Pavón-Cuéllar (2019a). Prólogo. La psicopolítica de Jan de Vos ante nuestra psicologización en el capitalismo. In: De Vos, J. *La psicologización y sus vicisitudes*. México: Paradiso Editores, pp. 15-38.
- Pavón-Cuéllar, D. (2019b). *¿Descolonizar el psicoanálisis o descolonizarnos del psicoanálisis en América Latina?*. Conferencia en el Encuentro “Psicoanálisis, clínica y política”, en la Facultad de Psicología de la Universidad Michoacana de San Nicolás de

Hidalgo, el viernes 15 de noviembre de 2019.
<https://davidpavoncuellar.wordpress.com/2019/11/22/descolonizar-el-psicoanalisis/>

- Pavón-Cuéllar, D. (2019c). *Psicología crítica. Definición, antecedentes, historia y actualidad*. Ciudad de México: Itaca.
- Pavón-Cuéllart, D. (2021). Hacia una descolonización de la psicología latinoamericana: condición poscolonial, giro decolonial y lucha anticolonial. *Cadernos Prolam/USP-Brazilian Journal of Latin American Studies*, v. 20, n. 39, p. 95-127, jan./jun. 2021.
- Pavón-Cuéllar, D. (2022a). *Mais além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas de subjetividade*. São Paulo: Perspectiva.
- Pavón-Cuéllar, D. (2022b). *Sobre el vacío. Puentes entre marxismo y psicoanálisis*. Ciudad de México: Paradiso Editores.
- Pavón-Cuéllar, D. & Guzmán, M. O. (2017). Más allá de la psicología del mestizaje: capitalismo, colonización y singularidade latinoamericana. In.: Pavón-Cuéllar (Org.). *Capitalismo y psicología crítica em Latinoamérica: del sometimiento neocolonial a la emancipación de subjetividades emergentes*. Ciudad de Mexico: Kanakil, pp. 123-146.
- Politzer, G. (1968). *Crítica de los fundamentos de la psicología y el psicoanálisis*. Barcelona: Roca. (Publicado originalmente em 1927).
- Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível: estética e política* (M. Costa Netto, Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Rancière, J. (2012). *O espectador emancipado* (I. Benedetti, Trad.). São Paulo: WMF Martin Fontes.
- Reich, W. (1976). *O que é a consciência de classe?* São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1934).
- Reich, W. (1977). *Materialismo dialético e psicanálise*. 3ªed. Lisboa: Editorial Presença. (Publicado originalmente em 1929).
- Reich, W. (1981). *Revolução Sexual* (A. Blaustein, Trad.). 8ªed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Reich, W. (1982). *Escuta, Zé-ninguém!* Lisboa: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1948).
- Reich, W. (1998). *Análise do caráter*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1933).
- Reich, W. (2001). *Psicología de massas do fascismo* (M. da G. M. Macedo, Trad.). 3ªed. São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1933).
- Rocha, G. (1965). Estetyka da fome. *Hambre: espacio cine experimental*, setembro de 2013.
<https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>

- Rocha, G. (1971). Estetyka do sonho. *Hambre espacio cine experimental*, setembro de 2013. <https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>
- Rodrigues, N. (1993). *O óbvio ululante: primeiras confissões crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rodrigues, N. (2017). O beijo no asfalto (1961). In: Rodrigues, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: tragédias cariocas*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 357-420.
- Rojas, R. R. (2019). *Manías crônicas*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente.
- Rosa, C. T. da,; Weinmann, A. (2022). Notas para uma contribuição à historiografia psicanalítica. *Psicologia USP*, 33, e190005. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190005>
- Saer, J. J. (2012). O conceito de ficção. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n.8, julho.
- Safatle, V. (2008). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.
- Safatle, V. (2017). *Só mais um esforço*. São Paulo: Três Estrelas.
- Safatle, V. (2018). *A esquerda que não teme dizer seu nome*. São Paulo: Três Estrelas.
- Siebert, S. (2014). A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. *Linguagem em (Dis)curso*, 14(3), 675-685. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-140313-4713>
- Silveira, E. M. (2006). *A prevalência do significante como resistência à metalinguagem*. Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística realizado em novembro de 2006 na Universidade Federal de Uberlândia-MG. http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_392.pdf
- Sousa, E. L. A. (2017). Ficcões rebeldes: trilhas, ilhas, agulhas. *Psicanalistas pela democracia*. Recuperado de <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/10/ficcoes-rebeldes-trilhos-ilhas-agulhas%C2%B9-edson-luiz-andre-de-sousa/>
- Souza, T. de P., Damico, J. G., & David, E. de C. (2020). Paradoxos das políticas identitárias: (des)racialização como estratégia quilombista do comum. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 42(3). Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i3.56465>
- Slavutzky, A. Sousa, E. L. A. (2021). *Imaginar o amanhã: ensaios e crônicas*. Porto Alegre: Diadorim Editora.
- Sloterdijk, P. (2012). *Crítica da Razão Cínica* (M. Casanova, P. Soethe, P. Rego, M. M. Cardozo e R. Hiendlmayer, trans.). São Paulo: Estação Liberdade.
- Steafanoni, P. (2021). *¿La rebeldía se volvió de derecha?* Buenos Aires: Siglo XXI editores.
- Tomšič, S. (2015). *The capitalist unconscious: Marx and Lacan*. London: Verso.
- Villanueva, D. (2015). El Quijote (1605-1615): visión y dicción. Cuatro siglos de modernidade novelística. In Cervantes, M. *Don Quijote de La Mancha*. Barcelona: Alfaguara.

- Vos, Jan de (2012). *Psychologisation in times of globalization*. New York: Routledge.
- Vos, Jan de (2019). *La psicologización y sus vicisitudes*. México: Paradiso Editores.
- Weinmann, A. O. (2005). Quando o simbólico falha em recobrir o somático: um estudo das neuroses atuais em Freud. *Pulsional: revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XVIII, n. 182, p. 74-85, jun., 2005
- Weinmann, A. O. (2016). Notas sobre a erótica contemporânea. *Sig: revista de psicanálise*, 5(8), 11-21.
- Žižek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Žižek, S. (1996a). Introdução: O espectro da ideologia. In.: Žižek, S. (Org.). *Um mapa da ideologia* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Žižek, S. (1996b). Como Marx inventou o sintoma? In.: Žižek, S. (Org.). *Um mapa da ideologia* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, pp. 297-331.
- Žižek, S. (2012). *The pervert's guide to ideology* [documentário]. Direção: Sophie Fiennes. Reino Unido.